

PASSAGENS DO PARADIGMA DO SER HUMANO MÁQUINA AO SER HUMANO INFORMAÇÃO: REFLEXÕES INICIAIS.

MATHIAS, Lucas Eduardo¹

MYSZCZUK, Ana Paula²

RESUMO: No decorrer do século XVII, na Europa, se construiu a tradicional ideia da separação entre o mundo natural e o mundo artificial. Essa visão surgiu na Física e na Cosmologia e foi, desde logo, apropriada pelos filósofos para reexplicar o homem e a sociedade em termos sistêmicos e mecânicos. De um lado está o ser humano, o componente do mundo natural e, de outro, estão as coisas feitas pelo homem, os componentes do mundo artificial. Há uma divisão no próprio ser humano também. De um lado está sua mente, muitas vezes confundida com sua alma, e de outro seu corpo, que pode ser explicado, analisado e comparado a uma máquina hidráulica. Essas duas faces do ser humano eram consideradas completamente separadas. Corpo e mente são independentes, no corpo reside a materialidade e finitude humana, já na mente, residiria a essência do ser humano, sua consciência, seu “eu”. Novas formas de entender e explicar a ciência e o conhecimento vem surgindo desde o final do século XIX. Novas formas de interpretar o que é ser humano (natural) e máquina (artificial). Essa desmaterialização do ser humano, traz-nos as maiores dificuldades na área jurídica e na compreensão dos fenômenos organizacionais contemporâneos. Isso se deve ao fato de que toda a construção dos “sistemas” jurídico e organizacional se deu sob o paradigma mecânico-eletrônico, ou ainda, sob o “mundo palpável”, e só funciona perfeitamente sob as bases desse paradigma.

APRESENTAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

No decorrer do século XVII, na Europa, se construiu a tradicional ideia da separação entre o mundo natural e o mundo artificial. Essa visão surgiu na Física e na Cosmologia e foi, desde logo, apropriada pelos filósofos (como, por exemplo, René Descartes) para reexplicar o homem e a sociedade em termos sistêmicos e mecânicos. LIMA (2004) destaca que não se trata apenas de uma metáfora, comparação ou analogia, mas uma identidade, quer dizer, toda a construção teórico-científica se deu a partir da construção do entendimento de que tudo no universo se constitui em um sistema. Nos termos desse paradigma, todo o sistema é composto por engrenagens e mecanismos de funcionamento específicos, mas tanto os astros, como os seres estão submetidos às mesmas leis mecânicas.

¹ Acadêmico em Engenharia Elétrica pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pesquisa em Bioética e Biodireito, luucas_mathias@hotmail.com

² Prof^ª. Dr^ª, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pesquisa em Bioética e Biodireito, anap@utfpr.edu.br

SIBILA (2004) destaca que no paradigma mecânico, existem dois mundos nitidamente separados: o natural e o artificial. De um lado está o ser humano, o componente do mundo natural e, de outro, estão as coisas feitas pelo homem, os componentes do mundo artificial. Há uma divisão no próprio ser humano também. De um lado está sua mente, muitas vezes confundida com sua alma, e de outro seu corpo, que pode ser explicado, analisado e comparado a uma máquina hidráulica ou um relógio. Essas duas faces do ser humano eram consideradas, também, completamente separadas. Corpo e mente são independentes, no corpo reside a materialidade e finitude humana, já na mente, residiria a essência do ser humano, sua consciência, seu "eu".

Esse paradigma, de certa forma, ainda resiste nos dias atuais. LIMA (2004) lembra que as práticas imaginético-discursivas centradas nessa explicação mecânico-eletrônica estão presentes quando se fala, ainda, em "coração artificial" ou de um "braço biônico". A separação entre o que é ser humano (natural) e máquina (artificial), permaneceria. Esses dois mundos não se confundem, mantêm-se separados, os limites entre ser humano e máquina não são ultrapassados e as características de cada um mantêm-se intactas.

Mas novas formas de entender e explicar a ciência e o conhecimento vem surgindo desde o final do século XIX, tomando melhor forma no século XXI. Segundo LIMA (2004), duas transformações são responsáveis pela passagem desse paradigma mecânico-eletrônico, para uma visão molecular-digital do ser humano e da natureza. A primeira é a passagem para uma sociedade pós-industrial ou informacional. A segunda é a própria transformação no modelo de sociedade, na forma de organização social, em que a geração, o processamento e a transmissão da informação tornam-se fontes fundamentais da produtividade e de poder. Uma das consequências da transição para essa sociedade informacional seria, nesse entendimento, o fato de que a digitalização da matéria viva acaba por dissolver a própria Natureza. Entender-se a Natureza de forma representativa, uma informação, faz com que a própria matéria viva seja entendida, não enquanto um todo orgânico, mas enquanto uma virtualidade.

Essa mudança estaria remodelando a base material da sociedade em torno de um novo paradigma científico, que adaptaria as engenharias à linguagem da informação, concentrando-se na decodificação, manipulação e reprogramação dos códigos de informação da matéria. Isso porque a tecnologia, na atualidade, teria a capacidade de gerar uma interface entre vários campos tecnológicos, utilizando uma linguagem digital comum na qual a informação é gerada, armazenada, recuperada, processada e transmitida.

E, nesse contexto, a principal matéria-prima é a vida, que muda de átomo para bit, se desmaterializa, deixa de ter cor, tamanho ou peso. A informação sobre a matéria passa a ser apenas um código, um dígito, que pode ser transmitido por fios elétricos, circuitos ou fibras óticas. E essa digitalização permite o controle da informação -"bit a bit"-, a qual pode ser processada automaticamente e com uma precisão praticamente absoluta. E é a partir desse entendimento que se tem a passagem do conceito de ser humano máquina para o de ser humano informação.

Para LIMA (2004), o entendimento do ser humano enquanto um código emerge a partir desse novo paradigma tecnológico: o molecular-digital. Nesse novo paradigma

o corpo humano é entendido enquanto um sistema de informações e não uma arquitetura orgânica e mecânica e já não é pensado enquanto sujeito as leis da física, mas de acordo com os princípios de cibernética e da informática. O que define o humano não é mais um sistema de funcionamento típico e único, mas o código genético escrito em seu DNA e que pode ser processado e transmitido.

Essa mudança paradigmática também acarreta uma mudança na tradicional divisão entre o natural e artificial. Nesse mundo informacional não há mais uma nítida separação e, sim, uma simbiose entre o humano e as coisas produzidas pela inteligência humana. Muitas vezes não há como se distinguir o humano do artificial e, outras vezes, o humano e o artificial se integram para formar um todo único. Atuais invenções da biotecnociência trazem uma mistura de materiais artificiais com a matéria viva, de modo que um seja ativado pelo outro e um não se distinga, mas se integre, ao outro numa hibridação.

SIBILA (2004) destaca outra consequência desse novo paradigma: o fim das diferenças entre corpo e mente, tendo em vista o esvaziamento do sentido material do ser humano. Tudo é uma virtualidade e o corpo se apresenta apenas como um entrave as potencialidades da informação, que pode ser corrigido, adaptado ou melhorado a partir das mudanças da própria informação genética.

E é exatamente essa desmaterialização do ser humano, essa visão do ser humano fora ou além de seu corpo que nos traz as maiores dificuldades na área jurídica e na compreensão dos fenômenos organizacionais contemporâneos. Isso se deve ao fato de que toda a construção dos “sistemas” jurídico e organizacional se deu sob o paradigma mecânico-eletrônico e só funciona perfeitamente sob as bases desse paradigma. Nesse contexto, pretende-se, refletir sobre as consequências dessa mudança paradigmática para o campo jurídico e organizacional.

REFLEXÕES INICIAIS E CONSIDERAÇÕES

A partir do contexto apresentado, discutiu-se sobre o humano no sentido de que ter um ser humano artificial diferente é uma noção que sempre esteve presente no imaginário, e que na atualidade, o diferencial de hoje, essa possibilidade de ser ter um homem artificial, com características super humanas, e com o conhecimento que nós temos, essas mudanças ou a criação desses seres é possível.

“O corpo está obsoleto. Os dias da humanidade estão contados. Não tardará que o homem incorpore os elementos artificiais das suas máquinas, fundindo-se com elas. Estas frases ilustram apenas uma pequena parte do amplo conjunto de lugares comuns que, no espaço público profusamente mediatizado das sociedades ocidentais contemporâneas, inquinou o discurso do e sobre o corpo.” (FIGUEIREDO, 2006)

A ideia do corpo obsoleto, do definhamento da carne, faz acreditar que, juntamente com os notáveis avanços da tecnologia, o ser humano caminha em direção a uma fusão com as máquinas. Num futuro não tão distante, as máquinas farão parte do corpo do ser humano para ajudar a mantê-lo. Curiosamente, talvez demore mais para que o contrário aconteça. Ao invés das máquina se incorporarem ao nosso ser, nós, humanos, seres reais, incorporarmos as máquinas. Deixarmos nosso corpo e todas as suas imperfeições e nos tornarmos um mecanismo, que com básico

consertos, bem como um carro, pode prosseguir com uma longevidade muito maior do que nossos corpos podem nos oferecer.

Ou ainda, sairmos da existência material e virarmos parte de um mundo virtual. Fazer o *upload* das nossas consciências para uma base apropriada e ter vida infinita. Disponibilizar a nossa existência por meio do mundo não material. Ao invés de perder tempo fazendo uma viagem, faria-se o *upload* da consciência e em algum corpo mecânico em nosso destino, o *download* desta. Poder vivenciar situações sem que o corpo, o real, tenha que se mexer. Usar o virtual e o artificial para isso.

Refletindo sobre o tema e sobre as colocações acima, o que podemos afirmar? Nada! Discussões sobre o tema ainda estão em fase inicial. Dados e pesquisa com fundamento são escassos ou até mesmo contraditórios entre si. Só podemos afirmar que o nosso corpo está sobre constantes pressões. A necessidade de que as pessoas sejam cada vez “melhores” é grande. O cuidado com a aparência, com a saúde são indispensáveis para a sobrevivência do corpo.

É nessa transformação, nessa necessidade de cuidados, de redução, que o corpo vai se redefinindo, sendo remoldado, tendo suas fronteiras expandidas. Para FIGUEIREDO (2006), é no âmbito das metamorfoses estruturais que têm sido anunciadas para o corpo que devemos tomar, não só de forma física, por analogia, um fenômeno que se apresenta como paradigma da reorganização da matéria: o Big Bang. Não seria uma reinvenção do corpo, como foi da matéria em si, mas sim a grande expansão do ser em querer deter controle sobre a vida em si. A possibilidade de ser imortal.

LIMA (2004), também fala sobre essa transformação, e diz ser inegável que só por meio da tecnologia que poderemos chegar a passagem do corpo-máquina para o corpo-informação e aponta o quão problemática e frágil é a reflexão sobre o assunto e as ambiguidades geradas pelo mesmo.

Como considerações, continuando a linha de pesquisa nesses dois paradigmas, visa-se entender quais são as principais linhas de pesquisa quando à Pós-Humanidade na discussão do corpo e tentar entender mais sobre as potencialidades dessa evolução e quais são os perigos que ela pode trazer a sociedade.

REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO, Alexandre Miguel Pereira. *Pós-Humano: Redesenhando/Recriando o corpo, recombinao elementos*.

LIMA, Homero Luiz Alves de. *Do corpo-máquina ao corpo-informação: o pós-humano como horizonte biotecnológico*.

SIBILA, Paula. *O corpo obsoleto e as tiranias do upgrade*. Revista VERVE, v. 6, p. 199-226, 2004.

SIBILA, Paula. *A desmaterialização do corpo: da alma (analógica) a informação (digital)*. Revista comunicação, Midia e Consumo, São Paulo, 3 n., 6 p., p. 105-119, mar/2006.